Ano 25.º Sábado, 22 de Outubro de 1932 N.º 1248

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguêsa

Redacção e Administração RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão Tipografia Lusitania Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Depois do dever cumprido

só resta que Aveiro não esqueça os dias em que vibrou de entusiasmo ao vêr solenemente inauguradas as obras do seu pôrto

PERANTE A REALIDADE

O Chefe do Estado e o Governo, recebem, nesta cidade, inequívocas provas de simpatia e gratidão— O que foram as grandiosas festas levadas a efeito em sua honra

VIVA AVEIRO!

O tempo, que nos andava a fazer pirraça, compôz-se, por fim, e o dia de sábado apresentou-se como era preciso e nós desejávamos: um verdadeiro dia outonal—delicioso, ameno, acariciador, cheio dum sol quente como os nossos corações em festa.

E foi assim, no meio da maior alegria e num ambiente de satisfação íntima, que também queria dizer reconhecimento, que o venerando chefe do Estado foi recebido em Aveiro com todas as honras devidas ao seu alto cargo e ao prestígio do seu nome conquistado desde que o Exército, após o 28 de Maio, o colocou á frente dos destinos da nação.

Na *gare* foi S. Ex.ª aguardado por todo o elemento oficial, civil e militar, que o saúdou com vivas e palmas, tendo-se em seguida organizado o cortejo para a Câmara Municipal, precedido de algumas dezenas de automóveis. No carro do sr. general Carmona, que era abeito, tomam lugar os srs. ministro do Interior e presidente do município aveirense, dr. Lourenço Peixinho, seguindo pela Avenida Central onde o povo, aglomerado nos passeios, bate palmas e se descobre respeitosamente á sua passagem. O chefe do Estado corresponde, sorridente, levando a mão ao *képi*, até que, ao entrar na Rua Coimbra, começa a caír sôbre êle uma constante chuva de flôres que continuou pela escadaria do edifício dos Paços do Concelho onde a guarda de honra é feita pelas duas corporações de bombeiros devidamente uniformisados e equipados de machados. Ali, com a sala repleta e após o sr. general Carmona ter ocupado o lugar da presidência, usou da palavra o sr. dr. Lourenço Peixinho, que exprimiu nos seguintes termos as bôas-vindas da municipalidade aveirense:

«Pela primeira vez, depois da proclamação da República, recebe esta cidade a visita do Chefe do Estado. O facto, altamente honroso para Aveiro, coincide com a inauguração das obras da barra a que v. ex.ª sr. Presidente da República, se dignou vir presidir, acompanhado pelos srs. ministro do Interior, filho dêste distrito, e ministros da Guerra e das Obras Públicas e Comunicações, a cujos departamentos governamentais mais interessam os trabalhos dos portos em construção e que os representantes da cidade de Aveiro muito desejam vêr aqui em momento tão solene.

Tenho, pois, a honra de apresentar a v. ex.ª os cumprimentos respeitosos de bôas vindas e saúdar as ilustres pessoas de v. ex.ªs em nome do Município.

A cidade de Aveiro, que gosou, noutros tempos, de grande prosperidade, declinando depois com os desastres da sua barra, é hoje uma cidade humilde, eminentemente popular, muito limitada de recursos e lutando com dificuldades inúmeras, para acompanhar os progressos do país. Toda a esperança do seu futuro está no seu pôrto, cujas vicissitudes, através dos séculos, se têm reflectido sempre na vida da população, enriquecida umas vezes com a sua actividade marítima, outras vezes caindo na maior miséria, quando a obstrução da barra levou as suas indústrias a uma ruína total e dizimou os habitantes com pavorosas epidemias.

E, no entanto, Aveiro, é verdadeira capital de um distrito rico e populoso, de aptidões variadas e extraordinários recursos que corresponde á região natural da beira-mar, disposta em anfiteatro entre as montanhas da Beira-Alta e o Oceano, onde se acumulam mais de 300.000 portugueses, com colónias em todo o mundo e que por isso bem merece as atenções governativas para poder valorizar a sua situação geográfica e aproveitar as faculdades que a natureza lhe concedeu, contribuindo grandemente com os seus impostos e contribuïções para as obras do seu pôrto, a cidade e a região aveirenses, mostram a par da nítida compreensão do seu papel na economia nacional, a vontade decidida de acompanhar a função que lhe está assinalada na reconstrução do país, reconstrução essa que se vai efectuando por obras de tanto alcance, como as que o Govêrno tem planeado e resolvido levar a cabo.

Assim, pois, não pensará nunca a cidade e o distrito em viverem parasitàriamente do orçamento do Estado, nem obterem do Govêrno central favores gravosos que não se justificassem.

O que Aveiro não póde dispensar, porém, é assistencia do Estado, é o auxílio do poder central, é a vontade orientadora, coordenadora e propulsora do Govêrno, no problema máximo que prende todas as suas atenções e de que depende todo o seu futuro.

Foi por isso e para que v. ex.ª, sr. Presidente da República, e para que v. ex.ªs, srs. ministros, pudessem verificar com os seus próprios olhos a importância das obras da nossa barra, as condições excepcionais que a ria de Aveiro oferece para a exploração das indústrias piscatórias e marítimas, a justiça que nos assiste quando pedimos que se complete o programa da construção do nosso sistema de instalações marítimas que compreende as obras da barra nos canais interiores, o pôrto comercial na cidade e as ligações ordinárias e ferroviárias com o *hinterland*, é que as altas corporações de Aveiro solicitaram a honra da visita de v. ex.ªs e resolveram inaugurar solenemente as obras do seu pôrto exterior.

As festas com que recebemos v. ex.ªs são modestíssimas, como os nossos recursos; mas creiam v. ex.ªs que são sinceros os nossos protestos de respeito e que é com verdadeira satisfação e com íntimo desvanecimento que, em nome da cidade, eu agradeço a honrosa visita que v. ex.ªs se dignam fazer-nos e que apresento a v. ex.ªs as calorosas saüdações desta Câmara e do povo aveirense, fazendo votos pelas prosperidades pessoais de v. ex.ªs, pelo engrandecimento da Pátria e pela prosperidade da República.»

MAJOR GASPAR INÁCIO FERREIRA

Governador civil do distrito

A êste discurso, muito aplaudido, respondeu o chefe do Estado, agradecendo as manifestações de carinho que lhe eram tributadas e ao Govêrno, e congratulando se por ter ensejo de visitar uma cidade, como Aveiro, tão rica de gloriosas tradições. Referiu se ás qualidades da Raça portuguesa e, a propósito dos melhoramentos com que Aveiro acaba de ser dotada, afirmou que a Ditadura actual não era uma Ditadura á moda antiga, uma Ditadura apenas de fôrça, que procure exercer política pessoal e impôr opiniões aos seus adversários, mas sim uma Ditadura que tem por lema bem servir a Nação, contribuindo para o seu engrandecimento, através duma obra sistemática organizada e sempre tendente a dotar o país daquêles melhoramentos que o habilitem a um futuro grande e próspero. Exalta o povo português que tão bem tem compreendido e acompanhado a obra dos govêrnos da Ditadura e conclue fazendo votos pelas prosperidades de Aveiro, prosperidades que lhe estão asseguradas pela realização da sua antiga e legítima aspiração — a construção do seu pôrto de mar.

No final dos dois discursos fôram levantados vivas á Pátria, á República, á Ditadura e ao sr. general Carmona, que, vindo á sacada dos Paços do Concelho, recebeu as aclamações da multidão que enchia o largo.

Inauguração do ramal de S. Roque

Depois das homenagens prestadas na Câmara ao sr. general Carmona e membros do Govêrno, seguiram êstes para a estação do caminho de ferro do Vale do Vouga, afim de procederem á inauguração do ramal de S. Roque, tomando ali o combóio organizado para êsse fim acompanhados de muitos convidados.

O engenheiro Francisco de Lima é quem serve de maquinista, fazendo-se o trajecto, que é de 2 quilómetros, e depois do chefe do Estado ter procedido ao corte da fita atravessada na linha, no meio dum estralejar constante de foguetes e morteiros enquanto o povo, aglomerado em vários pontos, erguia as suas saüdações, batia palmas e acenava com lenços.

DR. LOURENÇO PEIXINHO

Presidente da Câmara de Aveiro

No *términus*, e depois de ao sr. Presidente da República terem sido explicadas as vantagens do ramal, foi lhe servido, e á comitiva, um *Pôrto de honra*, findo o qual se efectuou o regresso para a

Visita ao Museu

cuja rua, que lhe dá acesso, se enche por completo, vendo-se as janelas de todos os prédios repletas de gente.

A' chegada do sr. general Carmona uma banda de música executa a *Portuguesa*, sendo S. Ex.ª e os ministros recebidos á porta do antigo convento de Santa Joana pelo sr. dr. Alberto Souto, director da casa, transformada em autêntico relicário, e que lhes apresentou os seus cumprimentos, acompanhando-os, em seguida, ás duas novas salas a inaugurar, cujas portas fôram abertas pelo sr. Presidente da República.

Uma vez dentro, Alberto Souto proferiu um discurso brilhantíssimo perante o chefe do Estado, que, ficando encantado com tudo quanto ouviu e viu, lhe anunciou, á saída, que o ia agraciar com o grãu de cavaleiro da Ordem de Sant'Iago que premeia o mérito literário e artístico, notícia esta que, ao ser conhecida, tem levado ao director do Museu as felicitações de muitos amigos, admiradores e conterrâneos.

O discurso publicá-lo-hemos no próximo número.

No Teatro Aveirense

Um banquete de mais de 300 talheres

Depois da visita ao Museu e do sr. general Carmona ter ido descansar um pouco para o palacete Valdemouro onde se instalára com a sua comitiva, realisou-se o banquete oficial no teatro, o qual, ostentando uma caprichosa ornamentação, oferecia um aspecto deslumbrante, quer pelas decorações, quer pela profusão de lâmpadas eléctricas que o iluminavam. Nos camarotes muitas senhoras.

A' chegada do Chefe do Estado produziu-se uma grande ovação, tocando a banda de infantaria 19, que assistiu, o hino nacional.

Na mesa de honra, ao lado direito do Presidente da República, ficaram o ministro do Interior; general Gomes de Sousa, comandante da Região Militar de Coímbra; coronel Eduardo Correia de Sá, comandante da guarnição militar de Aveiro; tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, dr. Mário Matias, secretário geral do Govêrno Civil. A' esquerda encontravam-se os srs. ministro da Guerra, dr. Lourenço Peixinho, presidente da comissão administrativa da Câmara; dr. Couto Brandão, juiz da vara criminal; coronel Joaquim Tôrres, presidente da Junta Geral do Distrito. Em frente do sr. general

Dois telegramas de Lisboa

O sr. Governador Civil recebeu na segunda-feira o seguinte telegrama:

Com os meus melhores cumprimentos venho significar a V. Ex.ª o meu grande reconhecimento pela carinhosa e bela recepção que me foi feita durante os dois dias que acabei de passar nessa acolhedora cidade e pelo carinhoso interesse que em toda a parte encontrei, deixando-me bem gratas e perduraveis recordações e peço a V. Ex.ª seja o interprete do meu vivo agradecimento junto da Comissão de recepção da sua presidencia e das colectividades e entidades que contribuiram para o brilhantismo dessa agradavel e generosa recepção.

(a) GENERAL CARMONA

E o sr. presidente da Câmara êste outro:

Saudando V. Ex.ª e os seus Ex.mos colegas da Comissão Administrativa da sua ilustre presidencia, desejo expressar-lhe o meu muito reconhecido agradecimento pela agradavel e carinhosa recepção que me foi feita nessa bela cidade e pelo generoso acolhimento que me foi dispensado durante tão interessante visita que bem gratas recordações me deixou e faço votos muito sinceros pelas crescentes prosperidades dêsse Municipio e pela realisação das suas justas aspirações.

(a) GENERAL CARMONA

"O Democrata" no tribunal

Continuou no dia 18 o julgamento do director dêste semanário processado pelo *grande panfletário* Francisco Manuel Homem Cristo, que só ao cabo de 25 anos se sentiu ofendido por aquilo que aqui temos escrito a seu respeito. Depôs ainda o sr. Albino, que se apresentou de fato novo, côr de pinhão, tendo-se-lhe seguido o sr. Pompeu Alvarenga, que se destacou pela hombridade das suas afirmações, e ainda o sr. Silva Rocha, que ficou com a palavra reservada para o dia 28 em que volta a reünir, para o mesmo fim, o Tribunal Colectivo.

A falta de espaço obriga-nos a escrever só estas poucas linhas sôbre o assunto.

Efemérides

22 de Outubro

1789—Apresenta-se na Assembleia Francêsa, J. Jacob, de 120 anos de idade.

1893—O Partido Republicano, em homenagem aos altos serviços prestados pelo jornalista Alves Correia, oferece-lhe um banquête.

Êste número foi visado pela Censura

Vieira da Costa

Estamos a um mês da tragédia que no-lo arrebatou, para sempre, ao nosso convivio e á nossa amisade.

Sufragando a sua alma resaram-se ontem missas nesta cidade.

Que descance em paz.

Carmona ficaram os srs. major Gaspar Ferreira, governador civil e á direita dêste o ministro das Obras Públicas; engenheiro Sousa Rego, director geral dos Caminhos de Ferro e dr. Jaime Ferreira, chefe do gabinete do ministro do Interior. Á esquerda o sr. dr. Artur Valente, juiz da vara cível; engenheiro Poole da Costa, administrador geral dos Serviços Hidráulicos; chefe do gabinete do ministro das Obras Públicas e comandante Palma Lamy, capitão do pôrto.

Fala o sr. Governador Civil

Ao *toast* falou em primeiro lugar o sr. major Gaspar Ferreira, que saúdou o sr. Presidente da República e o Govêrno, acrescentando:

—Aveiro está em festa e exulta de contentamento porque a honra que v. ex.as lhe deram com esta visita, é a prova evidente de que chegou, enfim, ao Estado o conhecimento do alto valor economico que representa, na riqueza do País, esta região fertilíssima, onde, a par duma agricultura de rica produção, principalmente vinícola e cerealífera, vivem industrias as mais variadas: industrias fabris, nomeadamente a ceramica, de tão brilhantes tradições, e as extrativas, em cujo sector ocupam lugar de evidencia as que alimentam a formosíssima «laguna» — joia preciosa donde irradia, a «flux», riqueza e beleza.

A industria da apanha das algas, que atinge o valor de alguns milhares de contos por ano, exercida por muitos milhares de braços em barcos notaveis pelas suas linhas esbeltas, tem enriquecido uma extensa região dunifera, transformando-a num solo feracíssimo, cuja superficie faz parte de oito concelhos.

A industria do sal, outra enorme fonte de riqueza que a laguna alimenta, atinge também na economia regional um papel preponderante desde há seculos. Entre os seculos XV e XVI até á ultima década deste periodo aureo da vila de Aveiro, que então contava uma população de 14.000 almas com 2.500 fogos, época de prosperidade que a facilidade de acesso á barra garantia, quinhentas marinhas produziam 16.000 moios de sal.

A História económica de Aveiro, acompanha, a par e passo, as vicissitudes do seu porto, correspondendo a maior eficiencia deste, o maior progresso e desenvolvimento economico desta região.

Em todo êsse período triste de decadencia, duas clareiras de esperança, anicamente, aparecem a alegrar os aveirenses:—nos principios do seculo XIX os estudos dos engenheiros Oudinot e Gomes de Carvalho e nos meados do mesmo seculo, os trabalhos do general Silverio Pereira da Silva.

Depois disso vieram os povos desta região, quasi que afastados do principal problema que devia interessá-los, tão flagrante era a inércia do Estado e a surdez da administração publica aos rogos de quem pretendia apenas a solicitude oficial para um assunto que *não é só de alta importancia para esta região porque o é igualmente para a economia geral do País.*

Estava reservado ao Governo da Ditadura, dentro do seu programa de reconstrução economica, de fomento e de progresso, dar á política portuaria o impulso de que o País carecia e do qual aproveitou uma vasta região que viu, com a adjudicação das obras de melhoramento da barra de Aveiro, satisfeita uma justa aspiração velha, de longos anos, e que confia plenamente em que aquelas obras, que v. ex.a, sr. Presidente da República, e v. ex.as, srs ministros, se dignam inaugurar àmanhã, terão a continuidade indispensavel e o complemento lógico, para que o problema do porto de Aveiro obtenha completa solução, que só será integralmente dada pela construção do porto interior, largamente justificada já em trabalhos e relatórios de tantos tecnicos ilustres e de comissões oficiais

O discurso do presidente da Câmara de Aveiro

Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Lourenço Peixinho, de cujo discurso, por extenso, só dâmos os seguintes tópicos:

Era, na verdade, necessário comemorar condignamente o grande acontecimento que representa para a vida da região o principio das obras da barra e êsse comemoração não podia fazer-se, nem seria justo que se fizesse, sem a presença do sr. Presidente da República, que representa toda a Nação.

Queriamos, pois, nós, aqui toda a Nação devidamente representada para assistir ao acto solene que acabamos de celebrar, pois a obra do melhoramento e transformação da nossa barra, sendo de interêsse particular da região, é daquelas que interessa o País inteiro, não só pelos benefícios gerais, para a economia nacional, mas até como índice da nossa cultura e da nossa civilisação.

Nada mais vergonhoso para um povo moderno do que o abandono dos seus recursos naturais, o desleixo do seu apetrechamento e o atraso nos seus meios de comunicação.

A ruína dos nossos portos secundários era, àlém de uma perda de riqueza, um atestado de incapacidade e inferioridade colectiva.

Não desejo atribuir a nenhuma política os êrros e as faltas que agora estamos remediando.

O êrro e a falta era dos governantes e dos governados, era dos dirigentes que não resolviam êstes grandes problemas e era dos povos que não impunham, nem sequer pediam a sua resolução com aquela tenacidade e firmeza que só nascem das grandes convicções.

Veio, porém, o momento em que o povo de Aveiro despertou do seu marásmo e compreendeu que a barra devia aproveitar-se e melhorar-se e que a ela estava prêso o seu futuro, e então a população de Aveiro e da região tomou por esta ideia o entusiasmo, o calor e a paixão que todos conhecem, no que foi acompanhado pelos povos de Viana do Castelo, Figueira da Foz e Setúbal com relação aos seus portos.

Felizmente o Govêrno da Ditadura Nacional teve a visão da oportunidade e da grandeza da questão e resolveu-a com rapidez e firmeza, mercê, deve dizer-se, daquêle tacto financeiro e daquela elevada compreensão das realidades de que nos deu prova o sr. dr. Oliveira Salazar, ilustre ministro das Finanças, a quem quero prestar as homenagens de Aveiro por tão alto serviço.

Na hora própria o povo aveirense e o povo português tiveram no Govêrno os homens que souberam vêr as suas necessidades e souberam fazer justiça ás suas grandes aspirações.

Mais obras de que Aveiro necessita

Povo e Govêrno estiveram á altura da magnitude do problema e é por isso que eu saúdo o Govêrno e lhe agradeço tão importante serviço. De outras obras importantes Aveiro precisa ainda para desempenhar cabalmente a missão que a natureza lhe impôs no conceito nacional, para ser uma cidade que sirva e honre o país. É o porto comercial a mais importante dessas obras. Viram v. ex.as que o merecemos, que êle é o complemento das obras da barra, a condição essencial para ser eficiente o dispêndio de esforços que estamos fazendo—nós, o Govêrno e a Nação.

Precisa Aveiro de outras grandes obras. Carece de um Liceu novo ou uma grande remodelação no actual edifício, aconselhadíssimo para o seu desenvolvimento e importância.

Carece de um edifício dos correios. Precisa de instalar bem a sua Escola Industrial e Comercial e precisa de auxílio do Poder Central para se abastecer de águas e para se valorizar e embelezar, porque sendo uma cidade de grande futuro, cercada de riquezas e belezas, não dispõe agora de meios próprios que permitam operar a transformação de que necessita e que todos os seus visitantes até já exigem dela.

Posso assegurar a v. ex.as, sr. Presidente da República e srs. ministros, que o auxílio que o Poder Central prestar a Aveiro para se valorizar, não será perdido para a Nação e Aveiro saberá pagar, correspondendo pelo seu povo, com trabalho, honestidade e espírito progressivo, ao auxílio financeiro que agora receber, êle multiplicará por 100 o capital e a protecção moral, que lhe fôrem proporcionados.

Muitas palmas.

O discurso do sr. ministro do Interior

Ergue-se depois para falar o sr. dr. Albino dos Reis a quem a assistência acolhe com uma calorosa manifestação de simpatía.

Eis as principais passagens da sua oração:

Da política de sacrifício só resultou o bem

Sr. Presidente da República; meus senhores:—Em 21 de Outubro de 1929 o ilustre ministro das Finanças, no discurso de agradecimento ás Camaras Municipais, anunciava ao País uma *politica de sacrificio*, como condição necessaria de salvamento, uma politica de pesados encargos sobre a geração presente, como preço do resgate dos erros e desmandos do passado, e base segura de um futuro mais desafogado e próspero da Nação. Não prometia, o ministro, estradas, portos, caminhos de ferro, a vida barata com que tantas vezes o País fôra iludido; nem sequer mais liberdade... mais República .. A eterna liberdade! A eterna democracia! Palavras sonoras que, para os mais ardentes corifeus do reviralho, cifram só a solução de todos os problemas nacionais! O fomento economico só seria iniciado, uma vez realizado em bases sólidas o equilibrio das Finanças publicas. E o País aceitou esse programa de politica de sacrificio, porque ele era condicionado por uma politica de verdade. E os portugueses dispuseram-se a trabalhar mais, a economizar, muitos a sofrer privações, a sacrificar-se, porque acreditaram que o bem comum assim o exigia. A obra que hoje inauguramos atesta que não se enganaram na sua fé e na sua esperança. Abençoados sacrificios que frutificam em obras de tão grande alcance como a do porto de Aveiro, como a do porto de Leixões, de Setubal, de Viana, de Lisboa, como tantas outras, em curso ou já concluidas, por cuja realização havia no espirito publico o mais profundo e justificado cepticismo. O país acudiu, patrioticamente, ao apêlo do sacrificio, provando, assim, pela forma mais convincente, que, se a raça portuguesa tem defeitos, tem virtudes sobrelevantes; e que tem, como os melhores povos do mundo, uma forte consciencia das suas aspirações e dos seus interesses colectivos o que infelizmente lhe tem faltado algumas vezes na sua já longa historia, mercê talvez mais dos vicios da politica, que de deficiencias intrinsecas, são os homens de acção forte, de acendrado civismo, de espirito superior, que, consubstanciando as suas aspirações, conhecendo as suas necessidades, conquistando a sua fé e a sua confiança dele possam tirar tudo de que ele é capaz e a sua historia largamente comprova. O povo português suportou e suporta graves sacrificios. Mas de quem é a culpa? Quem tornou necessarios esses sacrificios? Eu não quero acusar ninguem. A Ditadura não tem feito e não faz uma politica de retaliações. Nem me parece nem nobre nem elegante trazer neste momento á cena os homens dum passado irremediavelmente vencido, para contra eles formular publica acusação, sem defesa. Mas seria grave injustiça á Ditadura que sirvo, e faltar ao meu dever de esclarecer a Nação que nos julga, não publicar as causas que lhe impuseram os sacrificios a que teve de se submeter.

A política dos portos e das estradas

Foi dura necessidade lançá-los e sofrê-los; mas os resultados estão aí patentes: obtido o equilibrio orçamental, a Ditadura lançou-se ousadamente á tarefa do fomento economico do País —iniciou a politica dos portos. Não faltaram, desde logo, as vozes sofisticas dos que tinham tratado com desprezo os interesses vitais do País, clamando hipocritamente: para que gastar dinheiro em portos, se não temos mercadorias a cujo trafego sirvam? Se, facilitando a navegação de cabotagem vamos prejudicar os caminhos de ferro, que já vivem vida atribulada? Como se os próprios portos não tivessem, com efeito imediato, o desenvolvimento economico da região que servem e assim indirectamente um aumento de trafego para os mesmos caminhos de ferro. Depois, num país como o nosso de tão extenso litoral em relação a uma menor profundidade, os pequenos portos disseminados ao longo da costa, diminuindo o percurso das mercadorias em caminho de ferro, reduzem consideravelmente as despesas de frete, e, consequentemente, permitem fazê-las chegar ao seu destino em melhores condições de preço. Iniciou-se a politica das estradas; e logo as mesmas vozes de inveja impotente dogmatisavam pelos cafés, pelos centros de conversa, e até por algumas repartições publicas: As estradas? Mas tudo isso foi preparado pelo Partido Democratico, é obra dele. Como se não fôsse verdade que só depois da Ditadura, é que a dotação para a Junta Autonoma lhe tem sido inteiramente paga.

A-pezar-das revoluções a Ditadura fez uma obra formidável

E tudo isto vem realizando a Ditadura, não obstante as adversidades de toda a ordem. A crise mundial com os seus reflexos profundos na nossa economia; a crise do Brasil, retendo por diversos motivos, o ouro dos nossos emigrantes e não permitindo o escoante da nossa emigração; e, finalmente, para não inumerar mais, as revoluções sempre caras ao País. As revoluções!

Elas têm custado á Nação mais duma centena de milhar de contos! Cem mil contos, representando, sabe Deus quantos sacrificios do contribuinte, eis mais um motivo de gratidão do País aos adversários da situação!

Cem mil contos roubados á economia da Nação!

O que é isso comparado á liberdade com que eles nos querem, á força, redimir e tornar felizes?! Com aquela doce fraternidade de que tão sobejos e frequentes exemplos nos deram nos breves anos da sua hegemonia sobre a República?!

E se não foram esses sacrificios, se não fôra essa administração severa, como fazer face, na hora presente, a tantas necessidades?

Vêde bem, meus senhores: mesmo aqui no distrito de Aveiro, vós tendes, neste momento, em realização o vosso porto; a reparação da estrada de Aveiro a Albergaria; a de Albergaria a Estarreja; a da Murtosa a Estarreja e a de Estarreja a Oliveira de Azemeis, obras onde se empregam centenares de braços, que, sem elas, iriam aumentar a legião dos desempregados.

O futuro brilhante de Aveiro—O seu pôrto interior de pesca e comércio

O Governo associa se á vossa justa alegria por verdes transformada em certeza a obra do vosso porto, a vossa antiga e mais cara aspiração. Aveiro não voltará aos seus dias de miseria, de doença e de desolação, quando a sua laguna se tornou num pantano e as febres palustres dizimaram a sua população. Completadas as obras da barra com o porto interior de pesca e comércio, Aveiro ultrapassará, tenho essa esperança, os melhores tempos da sua prosperidade no seculo XVI. A industria salineira, a de ceramica, a de pesca costeira e longiqua, o comercio e exportação de vinhos da Bairrada, encontrarão um poderoso factor de desenvolvimento. E toda a vasta região, influenciada pelo porto, sentirá os seus beneficos efeitos. O futuro de Aveiro está ligado ao seu porto e é para mim, filho deste distrito, um legitimo desvanecimento, ver ligado o nome da Ditadura a esse brilhante futuro.

Ao dr. Antunes Guimarães, que, como ministro do Comercio, fez aprovar o plano e contrato das obras da barra de Aveiro, são devidos justos louvores.

O sr. ministro do Interior fala, nesta altura, da organização da vida constitucional da Ditadura com a votação dum novo estatuto politico e na organização da vida administrativa do país com a publicação dum novo Código Administrativo, cuja falta há muito se faz sentir. Não podendo, por falta de espaço, reproduzir as suas palavras a êsse respeito, passâmos á última parte do seu discurso que foi simplesmente magistral.

A Ditadura e os seus ferozes inimigos

Se, em Aveiro, muitos se bateram pelo seu pôrto e, com inteligência, com bravura, com notável pertinácia, tornando-se credores da gratidão dos seus concidadãos e das bençãos dos seus antepassados, a verdade é que, sem a administração severa, sem a política nacional da Ditadura, essa obra seria impossível. Como o penhasco assoberbante, de que fala o vosso imortal orador, a Ditadura tem afrontado, inabalável, as ondas tocadas da tempestade revolucionária. Umas sôbre as outras têm galgado, se têm amontoado e arremessado contra ela; mas a Ditadura tem surgido sempre altiva e vitoriosa dêsses assaltos desesperados, dos quais, passada a tempestade, não resta senão a espuma das ilusões desfeitas, das ambições que naufragaram; e no meio dessas tempestades, meus senhores, ela tem encontrado ainda a serenidade necessária para semear todo o país de incalculáveis benefícios. Bebâmos pela Pátria, e por ela e pela República.

O sr. dr. Albino dos Reis dirige ainda uma saüdação especial ao Chefe do Estado por ser a primeira vez que, como ministro, fala na sua presença, recebendo no fim muitas palmas com *vivas* ao seu nome, ao govêrno de que faz parte, tudo no meio do maior entusiásmo impossível de descrever.

O sr. Presidente da República faz afirmações políticas

Por fim levanta-se o sr. general Carmona entre as aclamações de toda a sala e as das senhoras que, dos camarotes, se associam. Fala muito baixo e por isso não foi fácil apanhar todas as suas palavras para as reproduzir.

Começou por lamentar não ser orador, mas vendo-se na triste situação de ter de falar depois dos belos discursos proferidos, pedia desculpa da insuficiencia. Homem simples, modesto, falava apenas a linguagem da sinceridade e era sincera e comovidamente que agradecia a extraordinaria manifestação de carinho que lhe tinha sido dispensada e que aceitava como dirigida, não a ele, pessoalmente, mas á entidade oficial que representava como supremo magistrado da Nação.

Recordou a sua vida militar até ao 28 de Maio, quando o foram buscar para a actividade politica, que até então ignorava. Assim o determinavam as graves circunstancias em que a Patria se encontrava.

Afirmou que o inicio da Ditadura foi de dificuldades de toda a ordem, encontrando os maiores obstaculos e obrigando os homens do Governo aos maiores sacrificios. Reconhece que valeu a pena fazer tais sacrificios, pois, hoje, o País caminha e progride confiadamente, tendo o seu futuro assegurado em virtude da obra já realizada.

Declara que todas as entusiásticas manifestações recebidas através do País são o justo prémio da obra realizada pela Ditadura.

E exclama:

—Nenhum dos homens que têm servido a Ditadura em cargos governativos teve, até hoje, ambições pessoais. Todos se têm sacrificado pelo bem comum. E assim, a obra da Ditadura tem sido caracterizada por uma inalteravel continuidade. Caiem os governos, mudam os homens, mas o objectivo, a finalidade é sempre a mesma.

Seguidamente, o sr. general Carmona anuncia que o Governo, realizada já a sua obra financeira, vai entrar imediatamente numa obra de tranformação politica, afim de preparar a sucessão da Ditadura sem prejuizo dos interesses do País. Por isso o Governo que tem a presidi-lo, que salvou o País financeira e economicamente, vai iniciar essa obra.

Afirma que a Constituição será brevemente um facto e assim se transformará o actual sistema politico, anunciando que ainda neste outono se darão factos sensacionais que determinariam a transformação do actual estado de coisas.

O sr. general Carmona termina agradecendo todas as manifestações de que o tornaram alvo desde que chegara a Aveiro o que provocou novas e repetidas aclamações com vivas a S. Ex.a, á Patria, á República, ao Exercito, á Ditadura Nacional, etc., etc.

Depois do banquete—As iluminações e a queima do fôgo

Varava das 23 horas quando terminou o banquete do teatro, retirando o Chefe do Estado e os ministros para assistirem, da tribuna erguida numa das lingüetas do Canal Central, á queima do fôgo preso, do ar e aquático, que foi soberbo. Infelizmente as iluminações, que fôram deslumbrantes, quer na Praça da República, quer na Rua Coimbra, quer na ria, só tarde se puderam acender por a chuva impertinente de sexta-feira impedir que a tempo fôssem experimentadas e corrigidos quaisquer defeitos.

O coração da cidade, porém, regorgitava, tantos os milhares de pessoas que se aglomeravam nas pontes, Rua 5 de Outubro, Praça do Comércio, Rua do Cais e Rossio. Uma coisa nunca vista porque excedeu, em muito, as festas de há quatro anos.

No domingo

Visita á Vista Alegre — Uma grande manifestação em Ilhavo

O dia de domingo amanheceu como o anterior: explendoroso de sol e em ar festivo. A's 8 horas uma salva de morteiros anuncia a continuação das festas. Os sinos repicam alegremente e bandas de música percorrem as ruas, tocando o hino da cidade.

Pelas 10,30 horas o sr. Presidente da República sái do palácio e dirige-se, acompanhado da sua comitiva, á Fábrica de Porcelana da Vista Alegre. Ao longo da estrada aglomera-se gente para o vêr passar. No entanto o cortejo chega a Ilhavo, apresentando-se a vila toda engalanada. O sr. general Carmona desce do seu automóvel e sôbre êle cai uma chuva de flôres que as crianças das escolas atiram encarrapitadas nos carros dos bombeiros, que também compareceram a prestar-lhe homenagem, assim como as outras associações locais e o povo da terra. O sr. Diniz Gomes, presidente do município, saüdou o venerando Chefe do Estado e o Govêrno, sendo no meio de calorosos vivas á Ditadura Nacional e ao som da *Portuguesa* tocada por uma banda de música que o cortejo se pôz nòvamente em marcha a caminho da Vista Alegre.

Aqui é igualmente acolhido o sr. general Carmona com a maior gentileza, subindo ao ar muitos foguetes, tocando a banda o hino nacional enquanto ressoavam palmas e se levantavam ininterruptos vivas ao sr. Presidente da República, que á entrada da Fábrica é recebido pelo sr. João Teodoro Pinto Basto, seu administrador-delegado.

A visita torna-se demorada, havendo durante ela uma sessão solene em que o sr. João Teodoro fez a história do grande estabelecimento fabril, que o Chefe do Estado, a seguir, elogia, prometendo propôr a inscrição dos seus directores para a Ordem do Mérito Industrial e condecorar aquêles operários que pelo seu trabalho e vida exemplar mais se tenham distinguido.

O regresso a Aveiro fez-se perto das 13 horas entre novas aclamações.

No Parque da Cidade

Foi aqui que teve lugar o almôço intimo oferecido ao Chefe do Estado pela Câmara e no qual apenas se fizeram dois brindes: um do presidente desta, dr. Lourenço Peixinho, ao mais alto representante da nação, outro do sr. general Carmona, agradecendo.

A caminho da Barra — O lançamento da primeira pedra para as obras do pôrto exterior e o cortejo fluvial

Após o almoço o sr. Presidente da República dirigiu-se á Barra afim de inaugurar as obras do

Não perde
— —

Era nossa tenção responder á pregunta que a *Montanha* nos faz depois de classificar de *basófia* o que dissemos no ultimo numero sobre os generosos sentimentos dos aveirenses, de que nos fizemos interpetre fiel. Como porém, o diario democratico do Porto, cujo facciosismo o tem levado ás mais abjectas contradições, trouxe na segunda-feira um *suelto* que nos obriga a dizer mais do que desejávamos, ficará a resposta para a semana visto não termos espaço hoje nem tempo para ir buscar ao arquivo aquilo de que necessitamos para ela.

A Montanha! Quem a viu e quem a vê depois que passou... á mó de baixo...

Novo café
—o—

Consta-nos que brevemente vamos ter um novo café num dos melhores pontos da cidade e montado com todos os requisitos indispensáveis a estabelecimentos deste genero.

Ele que venha como manifestação do progresso citadino.

Cabeleireiro para senhoras

Na secção respectiva inserimos hoje um anuncio respeitante a um estabelecimento deste genero com que o sr. Francisco Lourenço dotou, há pouco, a cidade, evitando assim que qualquer senhora tenha de procurar fóra o que presentemente aqui encontra.

Consul de Dakar
—o—

Acaba de ser nomeado consul de Portugal em Dakar (Africa Ocidental Francesa) para onde partirá brevemente, o nosso conterraneo sr. Carlos Pinho Guedes, irmão do sr. dr. Ernesto Pinho Guedes, médico em Coimbra e enteado do sr. dr. Jaime Duarte Silva, distinto advogado nesta comarca.

Felicitâmo-lo, desejando-lhe uma brilhante carreira.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem anos: hoje, o nosso velho amigo dr. Eugénio Couceiro, esclarecido clinico local; no dia 24, o sr. capitão Manuel Lourenço da Cunha, chefe da Banda de Infantaria 19; em 25, a sr.ª D. Maria Clementina Coelho da Silva, filha do sr. Victor Coelho da Silva; em 27, o sr. tenente Augusto Natividade e Silva, de Infantaria 19 e em 28, a simpatica Maria Adelaide Trindade Ferreira, filha do sr. António Ferreira, comerciate da nossa praça.

Partidas e chegadas

Estiveram nesta cidade os srs dr. António Vicente, hábil clinico do Troviscal; major Joaquim Geraldes, da G. N. Republicana de Coimbra; tenente Alfredo de Brito, residente no Porto; José de Morais Sarmento, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar; Evaristo Ferreira Antunes, factor de 2ª. classe dos caminhos de ferro em Oliveira do Bairro; António da Maia, activo comerciante na capital; José Rabumba, residente em Matozinhos; António Cardoso Mesquita, das Caldas de Molêdo; Orlando Peixinho pagador de Obras Públicas em Viana do Castelo; Rodrigues Pinho, importante armazenista de vinhos em Vila Nova de Gaia; dr. Abilio Justiça, de Coimbra e muitos outros nossos amigos e assinantes a quem nos foi grato vêr durante as festas.

—No rápido de ante ontem seguiu para Lisbôa, onde exerce as funções de chefe da 2ª. Secção de Construção da Direcção de Estradas, o sr. José Bernardo, que a esta cidade veio passar alguns dias.

—De Esgueira também regressou á capital, o sr. José Tavares da Silva.

—Com sua familia retirou no rápido da manhã de ontem para Santarem, onde vai desempenhar as funções do cargo que aqui ocupou durante um ano, o sr. Francisco Pinho dos Reis, dignissimo tesoureiro da Fazenda Pública, de quem muitos amigos que adquiriu em Aveiro se fôram despedir á gare.

Agradecendo-lhe os cumprimentos amáveis trazidos á nossa Redacção, muito desejâmos que seja feliz em companhia de quantos lhe são queridos e o acompanham.

Doentes

Recolheu á cama com a febre paratifoide o sr. João Eugénio Peixinho.

—Têm obtido algumas melhoras a esposa do sr. Manuel Maria Moreira e os srs. Pompeu de Melo Figueiredo e José Martins Arroja.

A todos desejâmos brève restabelecimento.

pôrto. Estrada cheia de automóveis e ciclistas. Na Gafanha, a gente da povoação abrindo alas. É no ponto do embarque para a cerimónia milhares e milhares de pessoas que por completo enchem o vasto recinto.

O sr. general Carmona toma lugar na lancha a gazolina da Comissão de Iniciativa e Turismo toda embandeirada e onde fulúa o pavilhão presidencial hasteado na verga do mastro que o conduz á outra margem da ria assim como os ministros do Interior, Guerra, Obras Públicas e Marinha. Seguem a lancha outros *gazolinas* e barcos de diferentes tamanhos e feitios também embandeirados e cheios de gente.

O espectáculo quer visto de terra ou da ria é surpreendente, maravilhoso — como nunca se viu!

No entretanto fazem-se os últimos preparativos para a cerimónia do lançamento á água da primeira pedra das grandes obras a realisar. Para uma espécie de pavilhão sóbem o Chefe do Estado, comitiva e convidados. E' lido o auto pelo secretário da Junta Autónoma sr. José Maria Monteiro e depois assinado por todas as entidades oficiais e pessoas presentes. O sr. engenheiro Viriato Canas profere um discurso sôbre o valor das obras, seguindo-se-lhe o sr. general Carmona que se congratula por assistir á inauguração do importante melhoramento, fazendo votos pelas prosperidades de Aveiro. Nisto o sr. Presidente da República desprende o blóco que cái na água, indo para o fundo. Silvam as sereias dos barcos e a canhoneira *Mandovy*, que anda no mar, parimando perto, salva com 21 tiros. A banda José Estêvão toca o hino nacional. O povo, de bordo dos barcos, acêna lenços brancos e bate palmas. Dois aviões evolucionam. Ergem-se aclamações cheias de entusiasmo. Um delírio! E o sol dardejante, quente, a espelhar-se nas águas, emprestava ao quadro um tom de maravilha que dificilmente se repetirá.

Finda a cerimónia, inicia-se o regresso á cidade. A flotilha segue a lancha presidencial. Em frente da base da Aviação Naval de S. Jacinto está postada a guarnição, em sentido. O chefe do Estado faz a continência. E prosseguindo a marcha, entra, finalmente, no Canal das Pirâmides, onde é aguardada pelas bandas do Asilo de Santo António, de Viseu, e do Asilo-Escola de Aveiro. Nas duas margens o povo manifesta-se. E quando o cortejo entra no Canal Central—magestoso, belo, dum efeito que não é fácil descrever—os nossos olhos extasiam-se porque coisa assim, tão sugestiva, atraente, nunca êles presenciaram.

O chefe do Estado e membros do govêrno desembarcaram depois para, ás 18 horas, tomarem o combóio que os conduziu a Lisboa, tendo na *gare* da estação afectuosa despedida.

Pagou Aveiro a sua dívida de gratidão. Honra lhe seja. Estamos satisfeitos.

* * *

Porque não temos espaço ficam para o próximo número algumas notas ainda sôbre os festejos.

Roubo audacioso
— —

Na tarde de quarta-feira uns *fregueses* que entraram na ourivesaria Almeida, Vieira & Alves levaram do estabelecimento, sem ajusto, uma porção de objectos de ouro no valor de mais de dois contos.

Os gatunos foram despojados do roubo na estação de Quintans pelo socio Alves, que os deixou ir em paz por não ter força para os prender.

BENEMERENCIA
o—

Tendo vindo, faz hoje oito dias, á nossa Redacção, pagar uma anuidade da sua assinatura, deixou 5$00 para os pobres protegidos por este jornal o sr. Luis Manuel Rodrigues, a quem ficamos reconhecidos pela lembrança.

Aquela importancia deu entrada no respectivo mealheiro e destina-se a uma futura ditribuição.

A nossa alegria...
=o=

Segundo a *Montanha*, a adoravel *Montanha* da terra das tripas, nós *delirâmos de alegria com a restauração do bispado de Aveiro!!!*

Até vai com três pontos de admiração.

E acrescenta que, *com toda a certesa* aspiramos a cónego!

Também é só o que nos falta na idade em que estâmos: ser cónego!!!

Garantimos que se isso vier a acontecer a *Montanha* irá... para o céo...

Foco pestilento
—x—

No crusamento das ruas da Palmeira e das Salineiras existe uma espécie de fossa onde a visinhança faz os despejos e que exala, ás vezes, um cheiro pestilento.

Aquela imundice, como outras que para aí se patenteiam aos olhos de todos, deve acabar, chamando para isso a atenção das autoridades sanitarias.

Correspondencias

Quinta do Picado, 19

Prosseguem com actividade os trabalhos prra a instalação da luz electrica neste logar.

—Chegou da California o nosso conterraneo e amigo Manuel Azevedo Lopes Júnior, a quem damos as bôas-vindas com um apertado abraço.

C.

Secretaria Judicial Civel de Aveiro
=o=

Arrematação
—o—

1.ª publicação

No dia 30 do corrente mez de Outubro, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na falencia de Manuel de Almeida, casado, negociante, da Gafanha da Nazaré, vão á praça pela segunda vez para serem arrematados por qnem maior lanço oferecer sobre metade dos seus valores, os seguintes bens imoveis, pertencentes e arrolados áquele falido no processo de falencia que lhe requereu Testa & Amadores, sociedade em nome colectivo, de Aveiro, e José Maria Mateiro, casado, da Gafanha da Nazaré, na qualidade de gerente da sociedade por quotas, Sardo, Calheiros & Companhia, Limitada, com séde na Gafanha da Nazaré:

Uma casa terrea com um pequeno armazem anexo, sita na Gafanha, freguesia da Nazaré, e vai á praça pela quantia de 4.000$00;

Uma casa terrea, com pateo, currais, terra lavradia e suas pertenças, sita na Gafanha, da mesma freguesia, e vai á praça pela quantia de 8.000$00;

Uma terra lavradia com suas pertenças, denominada a terra da Merendeira, sita na Gafanha, da mesma freguesia, e vai á praça pela quantia de 500$00;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra lavradia, sita na Marinha Velha, do lugar da Gafanha, dita freguesia, e vai á praça pela quantia de 150$00;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de um assento de casas terreas, com suas pertenças, sita na Marinha Velha, da Gafanha, dita freguesia, e vai á praça pela quantia de 200$00;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de um assento de casas terreas, e suas pertenças, sita na Marinha Velha, do lugar da Gafanha, dita freguesia, e vai á praça pela quantia de 320$50;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra Lavradia, com suas pertenças, sita na Marinha Velha, do lugar da Gafanha, dita freguesia, e vai á praça pela quantia de 357$00;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra lavradia sita na Marinha Velha, do lugar da Gafanha, dita freguesia, e vai á praça pela quantia de 80$50;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra lavradia com suas pertenças, sita na Crasta de Cima, da mesma freguesia, e vai á praça pela quantia de 28$50;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra lavradia, com suas pertenças, sita na Crasta de Cima, da mesma freguesia, e vai á praça pela quantia de 65$00;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra, com suas pertenças, sita na Crasta de Cima, junto da Mata Florestal, da mesma freguesia, e vai á praça pela quantia de 108$50;

O direito e acção que o falido tem a uma decima parte de uma terra lavradia, e suas pertenças, sita na Crasta de Cima, limite da Gafanha da Encarnação, e vai á praça pela quantia de 27$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos e o comproprietario, auzente em parte incerta, Manuel Ferreira, casado, que murou no lugar do Bebedouro, freguesia da Gafanha da Nazaré, para assistirem á arrematação e uzarem dos seu direitos, querendo.

Aveiro, 12 de Outubro de 1932.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Artur Valente

O escrivão do 2.º oficio

Julio Homem de Carvalho Cristo

A fechar

—

Uma senhora encontra certo cavalheiro, cujo pai havia morrido dois anos antes, e pergunta-lhe inadvertidamente:
—E seu pai como vai?
O cavalheiro:
—Não sei, minha senhora. Não o tornei a vêr depois que morreu.